

DIA DE MANIFESTAÇÕES



Entrada proibida. Mais de uma centena de PMs barraram cerca de 500 índios que queriam protestar contra a construção da hidrelétrica de Belo Monte, mas desistiram de invadir o Riocentro

Índigenas são impedidos de entrar no Riocentro

Cerca de 500 índios desistiram de tentar invadir cúpula após se deparar com 'muralha' de segurança; secretário-geral interveio

Marcelo Gomes
Sergio Torres / RIO

Uma espécie de muralha humana formada por 120 militares e policiais equipados com escudos, máscaras de gás, granadas e capacetes com viseiras impediu que um grupo de 500 índigenas, armados com arcos e flechas, lanças e bordunas, invadissem ontem de manhã a área de segurança do Riocentro, onde ocorria a cúpula de chefes de Estado da Rio+20.

Por muito pouco, não houve confronto. Os manifestantes, parecendo intimidados com o apa-

rato, sentaram-se no chão, 5 metros antes de onde foi armada a barreira, a tentar ultrapassá-la.

Chefiados pelo cacique Raoni, da etnia caiapó, os índigenas desistiram da invasão, esboçada à revelia até dos movimentos sociais que apoiam a causa por eles defendida: o abandono do projeto de construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará.

Coube ao secretário-geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, apaziguar os ânimos dos índigenas, que vieram ao Rio de vários Estados das Regiões Norte, Centro-Oeste, Nor-

deste e Sul. Carvalho deixou o Riocentro para conversar com Raoni e outros líderes, em plena rua e sob chuva. Acabou os convencendo a deixar o local. Em troca, prometeu levar à cúpula uma comissão de 12 índigenas, que prepararia um documento com protestos e reivindicações.

A manifestação na área próxima ao Riocentro foi planejada em detalhes por lideranças dos movimentos sociais reunidas nos últimos dias na Cúpula dos Povos, evento paralelo à Rio+20 realizado no Aterro do Flamengo (zona sul do Rio).

As reivindicações do protesto deveriam incluir o projeto da Prefeitura do Rio de remover os cerca de 4 mil moradores da favela da Vila Autódromo, vizinha ao Riocentro. No terreno, seriam erguidas edificações para os Jogos Olímpicos de 2016.

Mobilização. Na noite de segunda, para burlar os bloqueios militares que seriam montados a partir da madrugada de ontem ao redor do Riocentro, cerca de 300 manifestantes foram até a favela da Vila Autódromo, onde passaram a noite preparando faixas e cartazes de protesto contra a remoção da comunidade.

Os demais participantes foram chegando no decorrer da manhã. Às 10 horas, havia cerca de 5 mil manifestantes à espera da ordem do comando de iniciar a passeata até o Riocentro. Como a ordem demorou, os índigenas se irritaram e partiram em direção ao Riocentro.

"Não tem mais conversa, vocês estão enrolando, vamos invadir a Rio+20", anunciou às 10h30 o chefe terena Vanio Itaqueti, de Mato Grosso do Sul.

Para desespero dos líderes, os manifestantes não ouviram os apelos para que retrocedessem.

Os índigenas seguiram diretamente para o ponto de bloqueio,

O QUE ELLES QUEREM

● **Favela intocada**
Suspensão da remoção da favela Vila Autódromo para a construção de instalações dos Jogos Olímpicos de 2016

● **Contra Belo Monte**
Fim da construção da usina de Belo Monte

● **Anticapitalismo**
Contra o "capitalismo verde"

● **Preservação**
Respeito à Amazônia

o que levou os comandantes a mandarem os soldados das tropas de choque do Exército e da PM vestir as máscaras contra gás e adotar posição de combate. Helicópteros passaram a voar sobre o local. Um blindado da PM foi posicionado junto às tropas, para atuar caso houvesse um enfrentamento entre os agentes de segurança e os manifestantes.

Apesar da ruptura entre índigenas e movimentos sociais, todos os manifestantes acompanharam a caminhada, só parando quando os liderados por Raoni hesitaram em tentar romper a

barreira, definida por uma militante da Via Campesina como "o paredão da morte".

Enviado pela prefeitura do Rio para tentar organizar os protestos e o trânsito da região, o secretário municipal de Conservação, Carlos Roberto Osório, desistiu de tentar um entendimento assim que os índigenas decidiram pela manifestação isolada. Osório chegou a orientar os carros presos em meio à confusão, como se fosse uma guarda de trânsito. "O combinado era que o ato não passaria do autódromo. Isso foi desrespeitado. Mas uma manifestação é sempre imprevisível. Esperamos que (o ato) seja pacífico. A prefeitura só controla o trânsito", afirmou.

Após o entendimento com Raoni, Carvalho qualificou os índigenas como "pessoas de luta". "São gente séria que reivindica, gente que luta por seus direitos. Estou muito bem no meio deles", afirmou o secretário-geral.

Reivindicações. À noite, os índios concluíram o texto que será entregue a Carvalho. Entre as propostas estão a proteção dos direitos territoriais indígenas, o fim da impunidade dos assassinos e perseguidores das lideranças indígenas e melhora das condições de saúde. / FÁBIO GRELLET

Passeata

PROTESTO LEMBRA DESFILE DE CARNAVAL

Em clima de festa, pessoas de diferentes nacionalidades e ideologias marcharam no Rio

RIO

Samba, funk, rock, mantras, axé e o hit de Michel Teló passaram na Avenida Rio Branco, durante a Marcha em Defesa dos Bens Comuns e Contra a Mercantilização da Vida, organizada pelos participantes da Cúpula dos Povos.

Cada esquina de uma das principais ruas do centro foi tomada por manifestantes que apitavam em coro ao lembrar a devastação da floresta, a poluição das águas, os gastos excessivos em armamentos e dezenas de outras marcas nada sustentáveis do planeta. Por lá passaram, segundo a Polícia Militar, 40 mil pessoas. O locutor de um dos carros de som falava em 80 mil.

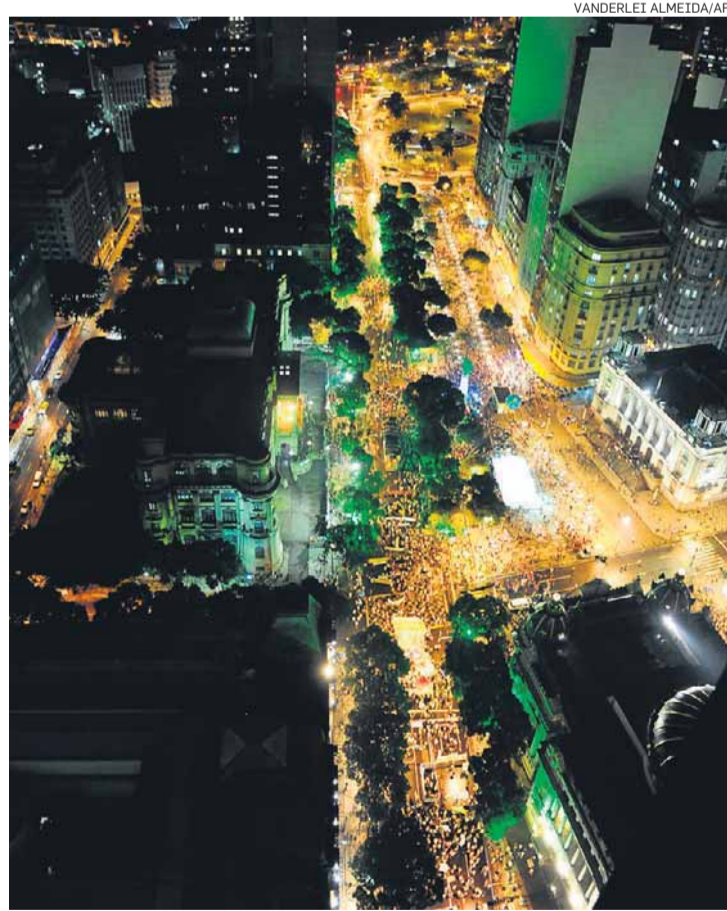
Os manifestantes pareciam pouco interessados em números. Preferiram dançar na chuva fina, entoar palavras de or-

O QUE ELLES QUEREM

● **Reivindicações múltiplas**
Destinar 10% dos gastos militares para erradicar a pobreza; desmatamento zero; revisão do Código Florestal; melhorias no ensino; respeito aos indígenas; garantia dos direitos dos homossexuais; reajustes para funcionários públicos; preservação do Cerrado; garantias de trabalho a catadores de lixo

dem, encenar pequenos esquetes e exibir cartazes, globos, mapas e obras de arte.

Em meio a encenações bem humoradas, que incorporavam personagens como o madeireiro devastador e o planeta assassinado, chamou atenção de um dos 150 PMs escalados para acompanhar a passeata o grupo de hare



Vista aérea. Protesto lotou a Avenida Rio Branco, no centro

krishnas dançando em círculo. "De que país é essa religião?", quis saber o policial.

Misturados aos brasileiros, europeus, hispano-americanos e indígenas de vários países desfilaram para protestar contra as transações do "capitalismo verde", entre outros vilões.

Na ala dos alemães pacifistas,

o artista plástico Holer Guessefeld exibiu um tanque de guerra coberto de pão árabe. "O mundo gasta com armas US\$ 1,7 trilhão ao ano. Se gastasse menos 10% disso para combater a pobreza, já seria suficiente", disse.

A ONG Terre Des Hommes levou tubos de PVC e faixas de lona com a inscrição Act Now (aja ago-



Funeral. Política nacional de Meio Ambiente é 'enterrada'



Questionamentos. A ONG Greenpeace marcou presença

ra). Confraternizaram com sindicalistas e passistas e ritmistas da escola de samba Acadêmicos de Vigário Geral. "A discussão sobre sustentabilidade é importante, mas também falta o respeito aos trabalhadores", lembrou Nilton Duarte, da União-Geral dos Trabalhadores (UGT).

MST e Via Campesina, parti-

dos como PSOL, PSB e PSTU, estudantes e grupos de funcionários públicos ajudaram a lotar a manifestação. Nenhum incidente foi registrado pela polícia. Às 19 horas, a manifestação iniciada às 14h30 estava encerrada. / LUCIANA NUNES LEAL e BERNARDO MOURA, ESPECIAL PARA O ESTADO